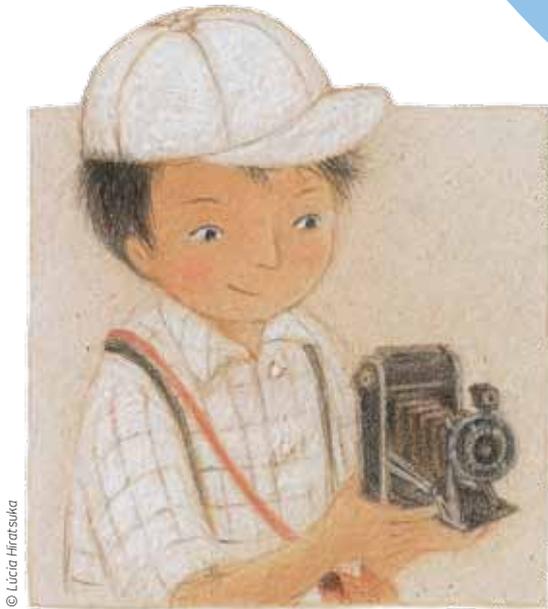


A MÁQUINA DE RETRATO

Lúcia Hiratsuka



Resenha

Certo dia, ao voltar da escola, Zinho viu seu vizinho sentado na soleira da porta, segurando um curioso objeto entre as mãos. Era uma máquina fotográfica! O garoto ficou fascinado. Seu Antenor, o vizinho, contou que havia conseguido o objeto em um acerto de dívida e perguntou se o garoto gostaria de comprá-la.

Desde a proposta, o menino passou a sonhar em ter aquela máquina de retrato – mas como, se Zinho não tinha dinheiro e sua família há tempos passava por dificuldades financeiras? Depois de pensar por muito tempo, teve uma ideia: oferecer o Paineira, o velho burrico que pertencia a seu pai, em troca do cobiçado objeto. Para a alegria do garoto, seu Antenor aceita a troca.

No dia seguinte o menino mal conseguiria prestar atenção às aulas, com a máquina de retrato escondida em seu bernal. Zinho mal tinha tido tempo de tirar um retrato de seus amigos depois da aula, quando, ao chegar em casa, seu pai já o esperava na porta, pedindo para ver a máquina fotográfica. O garoto, que não havia pedido permissão para oferecer o animal em troca do objeto pelo qual tanto ansiava, aguardava uma bronca – que, para a sua surpresa, não veio. Seu pai passou muito tempo no quarto, estudando a máquina com cuidado e, por fim, ao sair, pediu que Zinho, sua mãe e seus irmãos posassem para uma fotografia. Quando o



Coordenação:
Maria José Nóbrega

menino passou pela casa do vizinho novamente, o burrico já não estava lá: tinha morrido. No momento de fazer a troca, o garoto não tinha se lembrado de que os animais podiam morrer...

Para escrever *A máquina de retrato*, Lúcia Hiratsuka inspirou-se em um relato de seu pai, que lhe contou como, quando menino, fascinado por uma máquina de retrato, propôs, assim como o protagonista do livro, uma troca para conseguir o objeto. Em uma narrativa delicada, a autora e ilustradora nos faz pensar a respeito do tempo e da impermanência das coisas, lembrando-nos de por que, afinal de contas, a invenção da fotografia despertou tanto fascínio entre nós, humanos. A possibilidade de capturar instantes na forma de imagens, de guardar reflexos imobilizados dos rostos queridos como nos apareciam em diferentes momentos da nossa história, fez com que a invenção da fotografia transformasse quase completamente a nossa relação com a memória. O retrato de família, por exemplo, se tornaria rapidamente uma prática amplamente difundida entre diferentes culturas. Em um tempo em que as fotografias são tiradas principalmente por celulares, passíveis de ser vistas imediatamente, e raramente impressas, este livro pode fazer com que os alunos tomem consciência do que significa, ou pode significar, o ato de fotografar.



Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

Pelo título e pela capa, meus filhos e eu esperaríamos um livro sobre uma câmera fotográfica, mas, ao final da história, será que foi isso mesmo que lemos? Meus dois filhos, que se contradizem por esporte, dessa vez foram unânimes em dizer que o burro é mais importante do que a máquina de retrato. A câmera é, portanto, apenas uma forma de dar entrada no tema principal, que é a passagem do tempo e seus efeitos sobre os seres vivos. Essa verdadeira história já estava ali, marcada discretamente com o “era tempo de algodão *outra vez*”.

Os dois argumentaram que o burro é mais importante porque, apesar de aparecer menos na história, ele morre. Por envelhecer e morrer, ele

é insubstituível. “Uma máquina você pode pedir emprestada”, disse a Patrícia. “E, se quebrar, você pode ter outra depois. São todas iguais”, concordou o Marcelo. “Se você não tiver como tirar foto, pode fazer um desenho”, completou minha pequena. “Mas o burro é único, por mais que ele tenha outro, vai ser diferente”, explicou por fim meu filho.

A trama não tem uma data específica, mas nós três concordamos que ela se passou há muitos anos – o modelo da máquina e o tipo de uniforme do Zinho nos remetem ao passado. De fato, a autora dedica o livro ao seu pai, embora o retrate como quando era criança. O pai da autora deve ser idoso, mas, ali na foto da dedicatória, ele está imortalizado em uma imagem como menino. Para meus filhos, foi estranho imaginar que seu pai, sua mãe e seus avós também passaram pela infância.

A tecnologia da máquina seduz Zinho. E não apenas ele: também seus amigos da escola e o

próprio pai, que toma a máquina de retratos e passa a usá-la. Aproveitamos para pensar em como, até hoje, somos seduzidos pelas tecnologias, embora agora sejam diferentes.

Com o susto que tomamos com a morte do burro, percebemos também que talvez o menino tenha invertido o valor das coisas. “Eu teria me arrependido da troca se fosse ele”, disse meu filho, que há três anos perdeu um peixinho de estimação e sofreu muito com isso. Mais uma vez, a história nos fez refletir sobre nossas próprias vidas e nos questionamos se nós não estamos passando tempo demais nos preocupando com coisas e sem tempo para os seres.

Apesar de ser uma história triste, não nos sentimos extremamente tristes ao final dela. A leveza das imagens e a delicadeza do texto nos apresentam a morte como um caminho natural, sem traumas, ainda que abrupto. A sequência final de fotos nos trouxe certo conforto, ao mostrar que as lembranças, impressas em papel ou no coração, permanecem apesar do tempo que passa.

Todos estamos vivendo, crescendo e envelhecendo. Não podemos parar o tempo, mas podemos registrá-lo para revivê-lo em memórias. Pode ser com fotos. Eu gosto de registrar em palavras as opiniões dos meus filhos, como estou fazendo agora. Um dia talvez pensem diferente, mas o que acham agora está, de certa forma, preservado. E você e seus filhos, como vão marcar na memória o dia de hoje?

Um pouco sobre a autora

Lúcia Hiratsuka nasceu em Duartina, interior de São Paulo, e foi para a capital aos 16 anos. Formou-se em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes. Em 1988, recebeu uma bolsa de estudos para a Universidade de Educação de Fukuoka, no Japão, e escolheu como tema de pesquisa o livro ilustrado. É autora e ilustradora.

Leia Mais...

Da mesma autora

- ✦ *O guardião de memórias*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Histórias guardadas pelo rio*. São Paulo: SM.
- ✦ *Orie*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar.
- ✦ *Chão de peixes*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar.
- ✦ *As cores dos pássaros*. Rio de Janeiro: Rovellet.
- ✦ *Histórias tecidas em seda*. São Paulo: Cortez.
- ✦ *Histórias de Mukashi: contos populares do Japão*. São Paulo: Editora Elementar.

Do mesmo gênero

- ✦ *Tomie: cerejeiras na noite*, de Ana Miranda. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Histórias de Avô e Avó*, de Arthur Nestrovski. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Nas ruas do Brás*, de Dráuzio Varella. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

